



MARENGO, Gilfredo. **Giovanni Paolo II e il concilio.**
Una sfida e un compito. Siena: Cantagalli, 2011. 287 p.

Rodrigo Coppe Caldeira*

Nestes cinquenta anos de comemoração do início do Concílio Vaticano II (1962-1965), observa-se a publicação de várias obras dedicadas ao tema em seus inúmeros aspectos. Um deles me chamou a atenção, pois seu autor, Gilfredo Marengo, realiza uma aproximação inédita do concílio com o pensamento de Karol Wojtyła. Publicado em 2011, *Giovanni Paolo II e il concilio. Una sfida e un compito*, é uma obra duplamente interessante: pela compreensão do concílio a partir do olhar de Wojtyła, como bispo de Cracóvia e, posteriormente, como papa João Paulo II. Além disso, sabe-se das intempéries pelas quais passa a Igreja, ainda nesse início de milênio, no processo de recepção do Vaticano II e suas exigências, e como a temática conciliar foi preocupação central no pensamento de Wojtyła. Um ano antes de morrer ele escrevia: “Devo dire che, in questi anni di pontificato, l’attuazione del Concilio è stata costantemente in cima ai miei pensieri” (p. 139). Assim sendo, o objetivo central da obra de Marengo é o de estudar as relações entre o pontificado de João Paulo II e o Vaticano II, tendo como exigência metodológica a atenção para com os nexos com seus antecedentes próximos e remotos.

A obra divide-se em quatro longos capítulos, totalizando 281 páginas. No primeiro deles – *Cristo, Chiesa, Uomo* – Marengo visa realizar uma primeira

Resenha recebida em 10 de maio e aprovada em 05 de outubro de 2012.

* Doutor em Ciência da Religião (UFJF), professor da PUC Minas. País de origem: Brasil. E-mail: rodrigocoppe@gmail.com

aproximação do pensamento de Wojtyła a partir das encíclicas *Redemptor hominis*, *Dives in misericordia* e *Dominum et vivificantem*, pois, segundo o autor, nesse texto aparece a vontade do papa de estabelecer uma série de nexos entre o pontificado de Paulo VI e o ensinamento do concílio. Ao analisar o primeiro dos textos, é possível perceber em seu conteúdo, a emergência do pensamento de Wojtyła, especialmente assinalado por certa conotação antropológica ligada ao acento cristocêntrico do Vaticano II, – segundo o papa o elemento específico de novidade do concílio – que iria marcar toda a sua reflexão. O autor analisa no capítulo as três encíclicas, interpretando a partir delas as ligações entre o pensamento de João Paulo II e suas relações com o magistério conciliar. Analisando a *Dives in misericordia*, o autor observa inúmeras citações da Constituição conciliar *Gaudium et spes*; um dos documentos centrais do concílio, a encíclica estava no mesmo percurso iniciado pela *Redemptor hominis*. Segundo Marengo, “*Dives in misericordia* rappresenta, dunque, la seconda anta di un trittico, dedicato alla ripresa del magistero conciliare e composto in figura trinitaria, che si compirà nel 1986 con la *Dominum et vivificantem*” (p. 49). O papa realiza nesse texto uma reflexão sobre o contexto histórico – refletindo um dos motes centrais do concílio que é possibilitar um diálogo franco entre Igreja e mundo moderno – e indica em Cristo o lugar da necessária reconciliação entre o antropocentrismo e teocentrismo, entre o problema do homem e o problema de Deus. Assim, na encíclica, João Paulo II “sembra preoccupato di fae vedere che laddove il percorso della modernità ha attinto i suoi esiti più tragici (le ideologie del male), l’unica possibile risposta che la fede cristiana può offrire coincide con il massimo della rivelezione del volto di Dio e quindi con la peinezza della conoscenza che l’uomo ne può avere” (p. 56). Com *Dominum et vivificantem*, Wojtyła apresenta uma reflexão do Evangelho de João, com um intuito de fazê-lo referindo-se diretamente a Paulo VI e seu convite para se prosseguir em chave pneumatológica o aprofundamento do ensinamento do concílio. Esta encíclica se mostra dotada de dupla prerrogativa: trazer à luz o núcleo central de *Redemptor hominis*, representado pela polaridade homem-Cristo, e oferecer os elementos que

conduzem a reconhecer a bondade das razões pelas quais o papa indicou nessa polaridade o programa de seu pontificado. Para Marengo, esses três textos demonstram “una singolare capacità di collocarsi all’interno del cammino della Chiesa del post-concilio, in diretta continuità con i suoi immediati antecedenti, senza rinunciae a indicare pur tuttavia un passo nuovo” (p. 89), sendo assim uma resposta àquela pergunta que marca o concílio e sua recepção: o que quer dizer ser crente, ser católico, ser membro da Igreja?

No segundo capítulo – *L’Amore umano nel piano divino: le catechesi del mercoledì (1979-1984)* – Marengo analisa as relações entre o pensamento de Wojtyła e a herança conciliar nas suas catequeses das quartas-feiras sobre o amor humano e o matrimônio, que, para o autor, estão carregadas dos principais elementos dos ensinamentos do Vaticano II. A escolha do tema tinha explícita conexão com a preparação do Sínodo Ordinário sobre a família, que aconteceria em outubro de 1980. Contemporaneamente, vinha sublinhada a pertinência da catequese e do aprofundamento da doutrina da encíclica de Paulo VI, *Humanae vitae*, já que este documento havia representado um âmbito particularmente sensível, com inúmeras problemáticas ligadas ao significado do próprio magistério pontifício, como também a do estatuto da teologia. Também nessas catequeses apareciam os elementos que para Wojtyła eram aqueles marcantes do concílio: o homem concreto, a centralidade de Cristo e a sua índole pastoral. Foi devido a esses elementos, dentre outras questões, que o papa fez sua opção de iniciar as catequeses tratando do amor humano. O papa não só trata dessas questões nessas conferências, mas insiste, sobretudo, na exigência de uma renovada antropologia teológica, articulada ao tema da “teologia do corpo” a fim de oferecer uma “visão integral do homem”.

Acredito que pelo interesse que o Vaticano II suscita atualmente, especialmente em vista das contendas interpretativas em torno de seus ensinamentos, assinaladas pela reflexão hermenêutica, ao terceiro capítulo da obra – *1965-1985: il primo ventennio dopo il concilio* –, e ao quarto - *Una recezione*

pastorale - pode ser dada maior atenção, pois é neles que Marengo visa a oferecer uma visão mais articulada sobre as modalidades pelas quais Wojtyła e depois João Paulo II relacionam-se com os ensinamentos do Vaticano II no contexto dos debates pós-conciliares. Segundo Marengo, o pontificado de João Paulo II foi assinalado por explícita intenção de favorecer a plena recepção das determinações conciliares. Dos quarenta anos de recepção do concílio, vinte e seis foram sob o governo de Wojtyła, o que nos leva a concluir a necessidade de se estabelecer uma atenta consideração de como se estabeleceram as modalidades que colocaram em ação tal recepção. Marengo assume a periodização do pós-concílio construída por Joseph Ratzinger em seu *Les principes de la théologie catholique. Esquisse et matériaux*, que defende que o período pode se dividido em três momentos: o primeiro marcado por grande entusiasmo, que se inicia depois do concílio e vai até o final dos anos 1960; o segundo, nos anos 1970, assinalado pela desilusão; e o último, no início dos anos 1980, que coincide com o início do pontificado de João Paulo II, assinalado por maior equilíbrio de forças e por certa síntese. Marengo assume tal periodização – uma entre as várias que foram concebidas no pós-concílio – e acredita que os anos iniciais do governo de Wojtyła são marcados por uma “reviravolta”, em senso positivo, do percurso precedente, de oscilação entre entusiasmo e, “forse eccessivo”, descrença e desilusão. O autor chama a atenção para a atuação de Wojtyła no concílio e, posteriormente, em Cracóvia, onde o então bispo buscava aproximar-se da herança conciliar de modo positivo e não problemático, caminhando sobre ela a partir de duas noções “enriquecimento da fé” e “comunhão”. Nesses dois pontos Wojtyła realizará sua atuação pastoral, tendo a noção de “Povo de Deus” como uma de suas linhas de atuação. Marengo também traz as contribuições de Wojtyła no Sínodo dos Bispos de 1974 e no Sínodo Extraordinário de 1985. Em ambos os momentos o que estava em jogo era uma primeira verificação do percurso do *aggiornamento* e renovação da vida da Igreja a partir do concílio. Poderíamos dizer que se viviam os momentos de uma *recepção querigmática*, aquela assinalada pelos esforços da hierarquia de fazer presentes e atuantes os ensinamentos do concílio. No oitavo ano do pontificado de João Paulo

Il eram completos oito anos do fechamento do concílio e, em 25 de janeiro de 1985, na mesma ocasião litúrgica em que João XXIII havia convocado o concílio, Wojtyła anunciava a decisão de convocar um Sínodo Extraordinário, como objetivo principal de “scambiarsi e approfondire esperienze e notizie circa l’applicazione del Concilio a livello di Chiesa universale e di Chiese particolari; favorire l’ulteriore approfondimento e il costante inserimento del Vaticano II nella vita della Chiesa, alla luce anche delle nuove esigenze” (p. 214). Tal decisão estava em consonância com os primeiros movimentos do pontificado, como resultado do natural desenvolvimento de seus primeiros anos. Várias foram as intervenções do papa nos trabalhos, propondo uma profunda relação entre seu pontificado e o concílio. Num desses momentos dizia: “il Vaticano II è stato sempre, ed è in modo particolare in questi anni del mio pontificato, il costante punto di riferimento di ogni mia azione pastorale, nell’impegno consapevole di tradurre le direttive in applicazione concreta e fedele, a livello di ogni Chiesa e di tutta la Chiesa” (p. 215).

No último momento da obra, Marengo se concentra em tentar inserir o ensinamento e a atuação pastoral de Wojtyła num contexto mais amplo, ou seja, naquele dos debates em torno da interpretação e recepção do concílio. O autor realiza uma reflexão sobre a problemática da recepção, porém sem aprofundamento das complexidades envolvidas, que demandariam maior atenção aos posicionamentos que emergiram desde o encerramento do concílio. A “história do concílio” também é tratada rapidamente por Marengo. Para ele, a historiografia sobre o concílio, especialmente aquela que concerne à sua recepção, não levou em conta, da maneira necessária, a figura de João Paulo II e sua atuação nesse processo. Marengo pontua sua crítica, particularmente à obra de Christoph Theobald, que para ele “gli anni di Giovanni Paolo II sono trattati piuttosto sbrigativamente e, soprattutto nulla si dice dei testi prodotti fino al 1985, comprese le prime encicliche” (p. 253). O autor também aponta as possíveis deficiências da *História do concílio* organizada por Giuseppe Alberigo; para Marengo, “la modalità con la quale quella stessa storia del concilio è stata realizzata, porti al suo interno la

‘pretesa’ di orientare la recezione di quell’importante avvenimento ecclesiale” (p. 254). A crítica baseia-se no uso da categoria historiográfica de “evento”, quando utilizada com o intuito de demonstrar radical descontinuidade no âmbito do caminho da vida da Igreja, questão ainda discutida no contexto teológico internacional.

A obra de Marengo é um convite para pensarmos os cinquenta anos da abertura do Vaticano II, atentos às discussões em torno de sua interpretação e o papel do magistério pontifício de João Paulo II e também, por que não, de Joseph Ratzinger, tão atuante intelectualmente como cardeal no pontificado de Karol Wojtyła.